As palavras (escrever, literatura e sociedade)

as palavras, o que são as palavras?

a questão se coloca na hora da crise

na hora em que se sente uma crise

das palavras, da linguagem, do sentido

as palavras perdem seu valor, não significam mais nada,

só mentiras, enganação,

comecei a escrever usando a palavra fábrica

fábrica é o quê? uma palavrinha normal? banal?

comum?

fábrica?

será que a gente se acostuma com as palavras

como se acostuma

supostamente

com tudo?

acho que não

para mim a literatura é um questionamento

será que é um questionamento direto?

por exemplo: por que um primeiro- ministro

isso para não falar de um presidente da República

não renuncia?

ou: por que é que as pessoas trabalham muito

e não ganham

quase nada?

não

a literatura não é um questionamento reativo

é um questionamento de pensamento

que pressupõe tempo

e espaço

tempo e espaço para pensar

em perspectiva

à distância, de um certo ponto de vista

se eu li livros, se leio livros

de literatura,

se escrevo

é por isso
teria eu alguma coisa em comum com
um estudante russo sem dinheiro da época do tsar
que assassina uma velha agiota?
sim
teria eu alguma coisa em comum com
um garotinho judeu
de Newark, New Jersey,
dos anos trinta
que poderia ter, isso mesmo: poderia ter
crescido numa América transformada
num país fascista
se Lindbergh, aquele herói aviador, pró-nazista,
tivesse sido eleito presidente dos Estados Unidos?
sim
mas cuidado
o que eu tenho em comum com eles não é a situação social
política
histórica
psicológica
é a possibilidade
ou seja: como ser humano,
homem ou mulher,
eu poderia ter…
e isso aqui, esse eu poderia ter, essa ficção
está contida nas palavras
na linguagem
no fato de que as palavras tentam
dar conta do real
bem de perto
nos pormenores
e para fazer isso
através desse trabalho
elas, as palavras, tentam dar conta
ao mesmo tempo daquilo que é
e daquilo que é possível

tanto do desejo quanto de pesadelo
literatura não é contar a sua vida
como os programas
de televisão
supostamente literários
gostariam que a gente acreditasse
literatura é pensar, experimentar com palavras
é uma busca, concreta, viva
com personagens,
que são os porta-perguntas,
com histórias, narrativas,
com lugares
com espaço, com tempo
ela, a literatura, é:
“alguma coisa aconteceu, e aí?”
é ali, no interior do real mais real
achar, cavar, inventar a abertura
o distanciamento
o reposicionamento
o jogo
o possível
é entrar em contato com o mundo
se eu vivo algo, se eu passo por tal situação,
o que é que isso quer dizer,
o que é que eu posso dizer disso
tem aquela história extraordinária
contada por Melville,
o autor de Moby Dick
“Bartleby”
que se passa em Nova York
e aliás tem um subtítulo
“uma história de Wall Street”
que apesar de escrita em meados do século XIX
hoje ainda continua a fazer sentido
Bartleby é um copista
de um escritório em Wall Street

um dia ele se recusa a copiar
e diz somente uma coisa, só uma
I would prefer not to
prefiro não, je préfère ne pas
por fim ele é preso
e quando o patrão, meio envergonhado, vai vê-lo
e para incitá-lo a comer,
a parar de recusar tudo,
enaltece a beleza do sol, do gramado,
olha aí, Bartleby, olha aí,
Bartleby diz somente uma coisa,
I know where I am
sei onde estou
não me venha com balela
para mim, a literatura é isso
saber onde a gente está
tentar
dizer, questionar

é a busca por uma verdade
concreta
sobre a sociedade, o estado da sociedade
e o mundo
e a relação que aqui e agora eu mantenho com ela
ou seja: como é que eu quero viver,
aqui e agora
eu
você
o que é interessante é o posicionamento,
o ponto de vista
o engajamento é isso
e não a historinha por si só
a sociedade tem uma grande capacidade de trivializar,
de banalizar
falei da fábrica
mas serve para tudo
ah ele gosta é disso, ah, ela gosta é daquilo

pra quê, pra quê
é essa moda das celebridades
que vem junto com a moda do
“gosto, não gosto”
a opinião é necessária
mas não é o bastante
a democracia exige pensamento
concreto
cansa a gente
anima a gente
e a literatura é isso: pensar concretamente
com palavras
que deem conta dos detalhes
não dos conceitos
não das ideias
das palavras
tomadas a sério
tomadas como interlocutores

quem é você, palavra,
e o que é que você quer dizer,
não das palavras denegadas, banalizadas,
desvirtuadas
nenhuma palavra é verdadeira em si
não tem uma bela palavra, uma grande palavra,
uma palavra pesada,
rica, valiosa
em si
não
todas as palavras estão em pé de igualdade
porque uma palavra só existe com outras palavras
num contexto
numa história
numa narrativa
entrelaçadas
mas laços também pressupõem quebras,
rupturas,

às vezes violentas
deslocamentos
saltos
laços: cada um tem os seus
por exemplo: o que Hannah Arendt
que não escreveu sobre literatura
diz sobre pluralidade,
“não é o Homem, são os homens
que fazem a História”
este poderia ser o lema da literatura
e são os homens,
quando se tornam personagens,
e não Homem, como conceito geral,
que fazem os relatos, os romances,
não são palavras de sentido único
presas dentro de sistemas ou papos furados
mas todas as palavras em todos os seus múltiplos
sentidos
que fazem a poesia
quero contar histórias de hoje
que permitam pensar o passado
é por isso que estou escrevendo uma série
“depuis maintenant”, “desde agora”
o último livro, Fever,
tenta contar como a violência
e o crime
hoje
podem remontar, envolver
os antepassados
Vichy, o holocausto
o crime de bureau, le crime de gabinete
eu quis mostrar como as palavras trilham seus caminhos
quais vias e desvios elas tomam
de novo e sempre, as palavras, o que são as palavras
a palavra “dossiê”, as palavras “carteira de identidade”

a expressão “seguir ordens”
e isso não está dissociado do aqui e agora
em novembro de 2005, no momento das revoltas
no subúrbio de Paris,
eu estava lá, no departamento 93, em Les Lilas
e a gente, falo da França em geral,
a gente se viu bem no meio da palavra “violência”
no interior dela realmente
já que as tais revoltas haviam sido desencadeadas
por palavras
do Ministro do Interior
o que é que ressoa na palavra violência
carros queimados? conjuntos habitacionais abandonados?
desemprego?
num momento de crise
todas as palavras são questionadas
uma a uma
a palavra segurança
a palavra autoridade
uma resposta autoritária
seria ela um sinal de autoridade
ou, pelo contrário, de falta de autoridade
real
de autoridade portadora de sentido
a literatura é uma forma de pensar
que trabalha as palavras
que se deixa trabalhar por elas
que tenta levar em conta todos os níveis
conscientes e inconscientes
onde a linguagem se desdobra
e se dirige a leitores
conhecidos e desconhecidos
atuais e inatuais
e tenta fazer com que sejam ouvidas sempre renovadas
as palavras
na sua dimensão viva.